



Sir Robert Peel

Apresentar aos olhos do público o retrato dos homens verdadeiramente illustres, e offerecer á consideração geral os traços principaes da vida dos cidadãos benemeritos, é por certo um bom serviço que se faz aos povos; não tanto porque dest'arte se alimenta e aviva a gratidão para com os bemfeitores da humanidade, mas, e principalmente, porque assim se inculca á imitação modelos excellentes.

Sob a influencia d'estes pensamentos, temos a grande satisfação de enobrecer este semanario com o retrato de um dos mais conspicuos varões dos nossos dias. Embora, porém, a respeitavel effigie, e o glorioso nome de Sir Robert Peel sejam bastantes para tudo dizerem a muitos dos leitores, — alguns haverá que necessitem de saber o que fez aquelle grande homem de Estado na governação de um povo livre, e como se elevou, distincto e esplendido, entre os seus concidadãos. Para os leitores em taes circumstancias, vamos escrever umas breves linhas.

— Vae em doze annos que um escriptor de bom nome, M. Léonce de Lavergne, em um bello trabalho que tinha por titulo — *Sir Robert Peel et M. Guizot* — resumia engenhosamente a vida e os relevantissimos serviços de Peel nos seguintes termos:

— «Um fabricante do condado de Lancastre adquire uma fortuna de sessenta milhões; tem um filho, que dá mostras de disposições felizes,

e desde logo protesta fazer d'elle um homem de Estado. Para a educação do futuro ministro nada poupa, quer no collegio, quer na Universidade, quer no mundo. Desde a infancia ouve Peel tratar em torno de si todas as questões, que vão prender com a grandeza e com a prosperidade nacional. Na idade de vinte annos entra na Camara dos Communs, onde se distingue por qualidades mais solidas, do que brilhantes, taes como, espirito reflexivo, grande aptidão para o trabalho, uma reserva digna — mas fria. Chega a idade de vinte quatro annos, e já então occupa um grande posto no governo. Desde essa época sóbe ao poder ou se retira, segundo as vicissitudes da opinião; mas conserva sempre a sua cadeira no Parlamento, seguindo as grandes questões, exprimindo livremente o seu juizo, estudando, discutindo incessantemente, e ganhando passo a passo uma influencia preponderante. Trinta e dois annos depois da sua entrada na Camara dos Communs, estava á frente do governo; e essa auctoridade que então conquistou, não a perde jámais, — antes a aproveita para impôr ao seu proprio partido duas ou tres grandes providencias que lhe repugnam profundamente, mas que nem por isso são menos necessarias. Decae do poder por effeito dos ressentimentos que provoca; mas aguarda socegradamente que os factos venham dar-lhe razão. Assiste depois com um legitimo orgulho ao desenvolvimento da prospe-

ridade — que é obra sua; vê pouco e pouco chegarem-lhe de todos os pontos bem merecidas homenagens; e á hora em que cessa de viver, toda a Inglaterra toma luto, e o reconhecimento universal grava sobre a sua campa estas palavras, que são a mais bella corôa e remate de uma vida de homem: *Cordato e glorioso conselheiro de um povo livre!* =

Dêmo-nos pressa, antes mesmo de exarmos uma breve noticia biographica, de apontar as grandes e principaes providencias que assignalam a passagem de Sir Robert Peel na governação do seu paiz, e ás quaes allude o economista francez.

São ellas as seguintes: 1.ª a emancipação dos catholicos; 2.ª o estabelecimento do *income-tax*; 3.ª o regulamento do Banco de Inglaterra; 4.ª a abolição dos direitos sobre os grãos e sobre os generos alimenticios em geral.

Explicuêmos com toda a clareza cada uma d'estas providencias; pois que muito convém penetrar o verdadeiro sentido de tudo quanto lemos ou ouvimos. A explicação será breve, quanto singela e desprezenciosa.

Emancipação dos catholicos. No dia 5 de março de 1829 apresentou Roberto Peel á Camara dos Communs o bill de emancipação dos catholicos, com o titulo de — *An act for the relief of Her Majesty's roman catholic subjects.*

Roberto Peel tomou como fundamento a necessidade de diminuir a influencia dos padres, menos temivel em um regimen de liberdade; a conveniencia de dissolver a associação catholica, concedendo-lhe o que ella exigia em suas reclamações; e, finalmente, a impossibilidade de sustentar por mais tempo a encarnicada lueta politica e religiosa.

A proposta foi tomada em consideração por 348 votos contra 160; votada na Camara dos Lords por 212 votos contra 112, a despeito da opposição formal de alguns bispos; e, enfim, definitivamente adoptada no dia 13 de abril de 1829.

Em virtude da *emancipação*, qualquer catholico póde ser membro da Camara dos Lords, ou da dos Communs; votar nas eleições para deputados; ser membro de todas as corporações seculares; e ser admissivel para o exercicio dos empregos militares e civis — com pequenas excepções. A condição de determinados juramentos para diversos casos era a unica, que o bill da emancipação apresentava.

O tempo melhorou depois esta providencia; e de crer é que o grande beneficio venha a completar-se.

Em todo o caso, o bill da emancipação trouxe a paz áquelle povo, e deu á Inglaterra mais força e dignidade. Deixêmos á acção do tempo o cabal aperfeiçoamento n'este particular.

— *Estabelecimento do Income-tax:* *Income-tax* tanto quer dizer como imposto sobre o rendimento, e consiste na imposição de um determinado numero de *pences* sobre o rendimento annual de cem libras esterlinas para cima. Com referencia ao imposto, os rendimentos são divididos em cinco classes: 1.ª rendimento do solo, das casas e de todas as outras propriedades immoveis; 2.ª rendimento proveniente das herdades, ou arrendadas, ou exploradas pelos proprios donos; 3.ª rendimento proveniente das rendas sobre o Es-

tado; 4.ª rendimento proveniente do commercio ou de profissões diversas; 5.ª rendimentos provenientes de empregos retribuidos.

Foi Sir Robert Peel quem restabeleceu em 1842 este imposto, — e quem o prorogou em 1845. Da primeira vez houve o pensamento de fazer face ao *deficit* da fazenda; em 1845 foi prorogado, com o intuito de permittir a Peel o proseguimento nas reformas commerciaes, que o grande homem de Estado encetára.

Tem continuado e dura ainda aquelle imposto, depois de successivas prerogações e providencias.

— *Regulamento do Banco de Inglaterra:* Este assumpto demandaria largos desenvolvimentos; mas, para conhecimento do essencial do bill proposto por Sir Roberto Peel, parece-nos bastante dizer o seguinte:

Em 1844, Sir Robert Peel, impressionado pelos abusos, de longa data, que resultavam da emissão indefinida de Notas de Banco, propoz ao parlamento um bill, tendente a limitar a circulação do papel moeda. No que respeita ao Banco de Inglaterra, estabeleceu o bill que só podesse emittir notas até á somma de 14 milhões de libras esterlinas; tendo 11 milhões a hypotheca da divida que o governo inglez contrahira em diversas épocas com o Banco; e 13 milhões a de titulos do Thesouro (*exchequer bills*), ou outras *garantias* solidas. Fóra dos limites dos 14 milhões, se o Banco emittir notas, cada uma d'estas deve ser representada nos cofres do mesmo Banco por um deposito de ouro equivalente. O bill restringio aos demais Bancos, então existentes, a faculdade de emissão de notas, — devendo ser recusada aos que de novo se estabelecessem.

— *Abolição dos direitos sobre os grãos e sobre os generos alimenticios em geral:* É esta a providencia que principalmente leva á posteridade o nome glorioso de Sir Robert Peel.

O grande homem de Estado representava o partido agricola e tory de Inglaterra, profundamente adverso á liberdade do commercio dos cereaes. Interesses muito ponderosos estavam ligados com a manutenção das leis prohibitivas n'este particular; e d'aqui vem que a lealdade politica, de accordo com opiniões economicas muito arreigadas, obrigavam Peel a permanecer nas fileiras dos opposicionistas á famosa Liga, de que era alma e ardente promotor o grande Cobden, denominada — *Anti-corn-law League.* —

Os esforços, porém, da indicada Liga, e o eloquentissimo, quanto triste e amargurado argumento que a miseria das classes pobres de Inglaterra apresentou, operáram no espirito de Peel uma grande revolução, e o movêram a passar para o campo dos mais decedidos sectarios do *free trade*, em materia de generos alimenticios.

Na sessão da Camara dos Communs de 19 de janeiro de 1846 declarou Sir Robert Peel que a respeito de cereaes a sua opinião tinha experimentado uma completa mudança. Passados dias apresentou as suas propostas e as desenvolveu. A discussão que se seguiu é das mais notaveis do parlamento inglez, e por essa occasião proferio Peel um dos mais bellos discursos que a tribuna de Inglaterra viu. Ouvido, terminando por felicitar os legisladores pelo facto de arredarem todos os obstaculos á livre circulação dos dons de Deus. Desasete dias, depois das tres leituras,

durou a discussão na Camara dos Communs; a final foi o plano de Peel adoptado por uma maioria de 98 votos. Cento e seis conservadores apoiaram Peel; duzentos e vinte e dois se separaram abertamente d'elle. Na Camara dos Lords, e em seguimento de um discurso de Lord Wellington, obteve a proposta uma maioria de 47 votos. No dia 26 de maio de 1846 era lei de Inglaterra a liberdade do commercio dos cereaes, para começar a ter effeito no dia 31 de janeiro de 1849. Na vespera d'este dia memoravel para o povo de Inglaterra, reuniram-se em um banquete na cidade de Manchester duas mil pessoas; aguardaram que dêsse a meia noute, e quando souu essa hora alevantou-se o presidente, e disse: *E' chegado o bom tempo!* E com effeito o bom tempo era vindo para as classes menos abastadas da Inglaterra, que d'então em diante iam ter por commodo preço o pão, a carne, a alimentação principal.

— Seria agora opportuno lancar aqui alguns traços da biographia de Sir Robert Peel; mas vae já longo este artigo, e força é reservar para outro essa gostosa tarefa.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

POETAS E PROSADORES

(Continuado de pag. 155)

Um joven poeta, que segue *non passibus equis* o trilho aberto pelo auctor do *Bandolim de D. Juan* é o sr. Guerra Junqueiro, auctor de um elegante voluminho que acabo de receber, e que se intitula *Vozes sem echo*.

A epigrapha que o sr. Guerra Junqueiro tomou para o seu livro, absolve-o anticipadamente das culpas que lhe possamos notar; essa epigrapha é um dos versos que Alfredo de Musset escreveu como prologo na primeira pagina da colleção das suas poesias: *Mes premiers vers sont d'un enfant*. N'elle se resume a explicação dos defeitos que os poematos colleccionados nas *Vozes sem echo* podem apresentar, como tambem n'elle se resumia a explicação das imperfeições que abundavam nas estreias de Alfredo de Musset, porque os *Contos de Hespanha e de Italia*, apezar do entusiasmo com que foram recebidos pelo publico francez, e do admiravel talento que revelavam, estão muito longe de valer, emquanto a mim, o *Spectacle dans un fauteuil*, e principalmente o *Rolla*, as *Noites*, e a *Carta a Lamartine*.

O que é incontestavel é que o sr. Guerra Junqueiro é poeta; a sua frase tem colorido vivido, o seu pensamento rescende fragancias de poesia; se os dedos ainda lhe tremem na lyra, se a nota que elles desferem são balbuciante e incerta, é porque... *ses premiers vers sont d'un enfant*.

Mas uma singularidade da poesia moderna, singularidade que não sei se haja de alcunhar de defeito se de predicado, que noto nos primeiros versos do sr. Guerra Junqueiro, que encontro mesmo em muitas das poesias do sr. Simões Dias, mas que se manifesta de um modo mais notavel nas *Apparições* do sr. Guilherme d'Azevedo, é uma certa melodia morbida da palavra, que nos acca-

recia o ouvido, que nos embala docemente, mas que por fim de contas bastantes vezes nada exprime; roupagem ondulante á brisa, que a brisa franze e tufa, mas que não desenha as fórmulas de um corpo ou de uma estatua, que não faz senão ondear em mil pregas, que nos encantam, a capricho da aragem, mas que, apenas se lhe vai a tocar com a mão, se muda n'um farrapo informe.

Eu não sei se deva chamar a isto defeito ou qualidade; porque enfim d'antes a pobreza da idea era pobreza pobre, hoje é pobreza doirada; hoje qualquer poeta, por menos valia que tenham as suas composições, sempre as veste com luxo, sempre lhe scintilla a frase, sempre lhe canta o verso, scintillar de lentejoula, melodia morbida que nos adormece n'um monotono acalantar, como a da vaga a quebrar no costado da gondola e a desfazer-se em espuma, mas melodia em todo o caso, mas resplendor afinal. E parece que estes luzeiros andam no ar como os pyrilampos, que esta toada se insinua facilmente pelos ouvidos, porque todos os poetas contemporaneos possuem esses predicados, logo que se estreiam!

Quando notei que uma tal singularidade se manifestava principalmente nas poesias do sr. Guilherme d'Azevedo, não quiz dizer com isso que este juvenil poeta não tenha um talento fresco e mimoso, e que as suas composições sejam destituidas de pensamento muitas vezes elevado, muitas vezes commovente, delicadissimo outras. A carta elogiosa com que o sr. Ernesto Marecos acompanha o volume não exaggera o merecimento do poeta; e por isso mesmo é que eu, mais do que a todos os outros o temo, porque não ha sereia de mais doce voz, laranjal de mais penetrante aroma, e essa melodia enfeitiça-me e não me deixa dispôr livremente do meu espirito para julgar, como devo, o que tem de falso ou de frouxo o pensamento, porque esse perfume cõa-me nas veias um languido torpor, e não me deixa colher o fructo para vêr se é peço ou são. Depois essa morbidez é forçosamente monotona; perde a poesia n'ella a sua feição viril, o verso deixa de ser vibrante para ser um acalantar frivolo ainda que suave, e os poetas, que assim descantam, merecem ser coroados de rosas, como Platão ordenava, e expulsos da republica.

Isto é geral, repito, sente-se no sr. Guerra Junqueiro, no sr. Simões Dias que, já se vê, com o elevadissimo talento que o distingue, compensa com admiraveis raptos esse desfallecer da veia poetica, no sr. Guilherme d'Azevedo, no sr. Pedro de Lima de quem logo terei que me occupar; sente-se n'um mimosissimo poeta do Porto, o sr. Dias d'Oliveira que publicou um formoso poemeto intitulado *Lyra intima*, no sr. Theophilo Braga, principalmente no seu ultimo livro *A Ondina do lago*, e em quantos mais! D'onde veio isto? Qual foi a Cirse que poz aos labios dos poetas da nova geração a taça do licor inebriante? Quem inoculou nas veias da moderna litteratura este sensualismo de frase, se assim me posso exprimir, este sybaritismo do verso que a enerva, e que

adormenta o publico? Remontando de um a outro parece-me que irei encontrar a causa primaria n'um dos maiores talentos poeticos de Portugal, o sr. João de Deus. Foi elle quem deliciou todos os que o poderam escutar com o vago indefinivel das suas poesias, com os harpejos ao acaso da sua lyra, com a tristeza morbida das suas endeixas; foi elle quem principiou a introduzir na poesia amorosa um sensualismo pagão que a affrouxa, foi querendo seguil-o por esse caminho em que deliciara a tantos que principiarão a apparecer aqui os *seios de veludo*, e os *seios jaspeados*, e além as *pernas torneadas*, em fim esse materialismo que invade por toda a parte a poesia moderna, e que dispensa a elevação do pensamento com tanto que seja ardente e lascivo o estylo; e depois veio o culto da palavra, e do som. Com tanto que acariciasse o ouvido, deixou-se sair dos bicos da penna a frase, ainda que podesse ser esboroada á mais ligeira analyse.

Foi ainda o sr. João de Deus quem inspirou aos modernos poetas esta predilecção pelo vago, pelos iriados globulos de sabão que um sopro desfaz, pelos sonetos d'espuma brilhante. Foi aquella sua bellissima poesia que começa

Foi-se-me pouco a pouco esmorecendo
A luz que n'esta vida me guiava

foi ella que ensinou o sr. Guilherme d'Azevedo a escrever os *Sonhos passageiros*, poesia tão encantadora pela palavra quanto quasi nulla pela idéa.

Querem um exemplo bem frisante da magia, que a poesia moderna possui, e ninguem em grau mais elevado do que o sr. Guilherme d'Azevedo? Oçam pois:

Constante aspiração nos traz a vida
Suspensa como a nuvem que esvoaça
E breve, qual a nuvem, também passa,
Buscando o azul dos céus na despedida.

Se ha prantos, ninguem chore a alma fugida!
Sagremos sempre a lagrima á desgraça,
Que a tristissima sombra que esvoaça
Outro clima procura, outra guarida!

Oh! leva-me também, luz do poente,
Suspensa n'um teu raio que illumina
Lá nos céus o infeliz eternamente!

N'este exilio d'abrothos, luz divina,
Todos soffrem que o céu bem o presente:
Mas allivios ninguem na dôr ensina!

É isto que eu chamo o enervamento da poesia, e a morbidez da tristeza! Onde se encontra mais suave encanto de palavra e de tom? Que viçosa folhagem! que matizadas flores! que perfumada grinalda! mas qual é o pensamento que ella emoldura? Quasi nenhum; que a vida é triste, e que a morte consola, simples thema para variações. E n'ellas é realmente magnifico o sr. Guilherme d'Azevedo; a palavra occorre-lhe opulenta, a frase colorida, o verso melodioso, a estrophe cheia e sonora; a tendencia que notei dá uma certa monotonia aos seus versos, mas, como o seu talento é verdadeiro e elevado, não só se lêem sem-

pre com prazer, mas entre elles apparecem, de quando em quando, alguns, que o auctor, fascinado pelos europeis, tem talvez em menos conta, e que eu acho admiraveis, porque n'elles apparece a idéa sem grandes recamos asiaticos, e apenas com o sendal de fina gaze que fluctuava em torno das deusas da Renascença. Taes são por exemplo o *Berço* e o *Tumulo*, poesias em que ha originalidade, sentimento, e, o que é mais para maravilhar, sobriedade no estylo. Flores singelas, colhidas talvez ao desdem, rescendem um aroma suave, que deleita e vivifica, e não o languido perfume d'essas rosas de Pestum que o sr. Guilherme d'Azevedo tanto folga d'entrançar. Não, a fragancia, que rescende das violetas do berço e das rosas pallidas do tumulo, é ainda como que uma exalação da que perfumava as paginas encantadoras do *Amor e Melancholia*.

O berço é pois a guarida,
A estancia, o éden risonho,
D'onde o triste entra na vida
Pelas devezas do sonho!

N'elle se apresta a viagem,
Que, se espinhos só não tem,
Tem sómente uma paragem,
A da eterna campa além.

Isto é singelo e bom. E a quadra final da poesia *O tumulo* que maviosa simplicidade possui!

Se as suas rosas são pallidas,
O que importa! quero-as eu,
Porque as rosas são no tumulo
As mensageiras do céu.

Dê o sr. Guilherme d'Azevedo mais virilidade ao pensamento, fuja dos encantos da palavra sonora, sem perder a mestria de forma que o caracteriza d'um modo tão notavel, e será incontestavelmente um dos nossos bons poetas, porque não se encontra facilmente uma primavera, como a sua, tão rica de flores, flores que parecem agora estereis, mas que o sol d'estio ha de com certeza desalar em fructos.

(Continua)

M. PINHEIRO CHAGAS.

FIM E UTILIDADE DOS ESPELHOS

As fabulas de Phedro são escriptas com tal arte e talento, que parecem um reflexo da idade de ouro da litteratura latina; a propriedade da sua expressão faz que cada palavra ache a sua justificação nos grandes modelos: a elegancia rara e a riqueza inexgotavel da sua linguagem revelam o emprego de uma lingua materna. Entre os escriptores latinos, contemporaneos de Phedro, não sabemos que outro apresentasse pinturas mais fieis da sociedade d'aquella epocha, quadros mais verdadeiros dos costumes do seculo de Augusto.

Nota-se facilmente em cada fabula, que o auctor pretende chegar a um fim indirecto, de facil comprehensão. Este fim é não só moral, mas instructivo.

Estes titulos incitaram-nos a algumas translacções das que se nos affigram mais conceituosas.

O IRMÃO E A IRMÃ

Advertido por este exemplo, examina-te muitas vezes.

Um homem tinha uma filha muito feia, e ao mesmo tempo um filho notavel pela belleza do seu rosto.

Brincando um dia, quando creanças, por acaso viram um espelho sobre a cadeira de sua mãe.

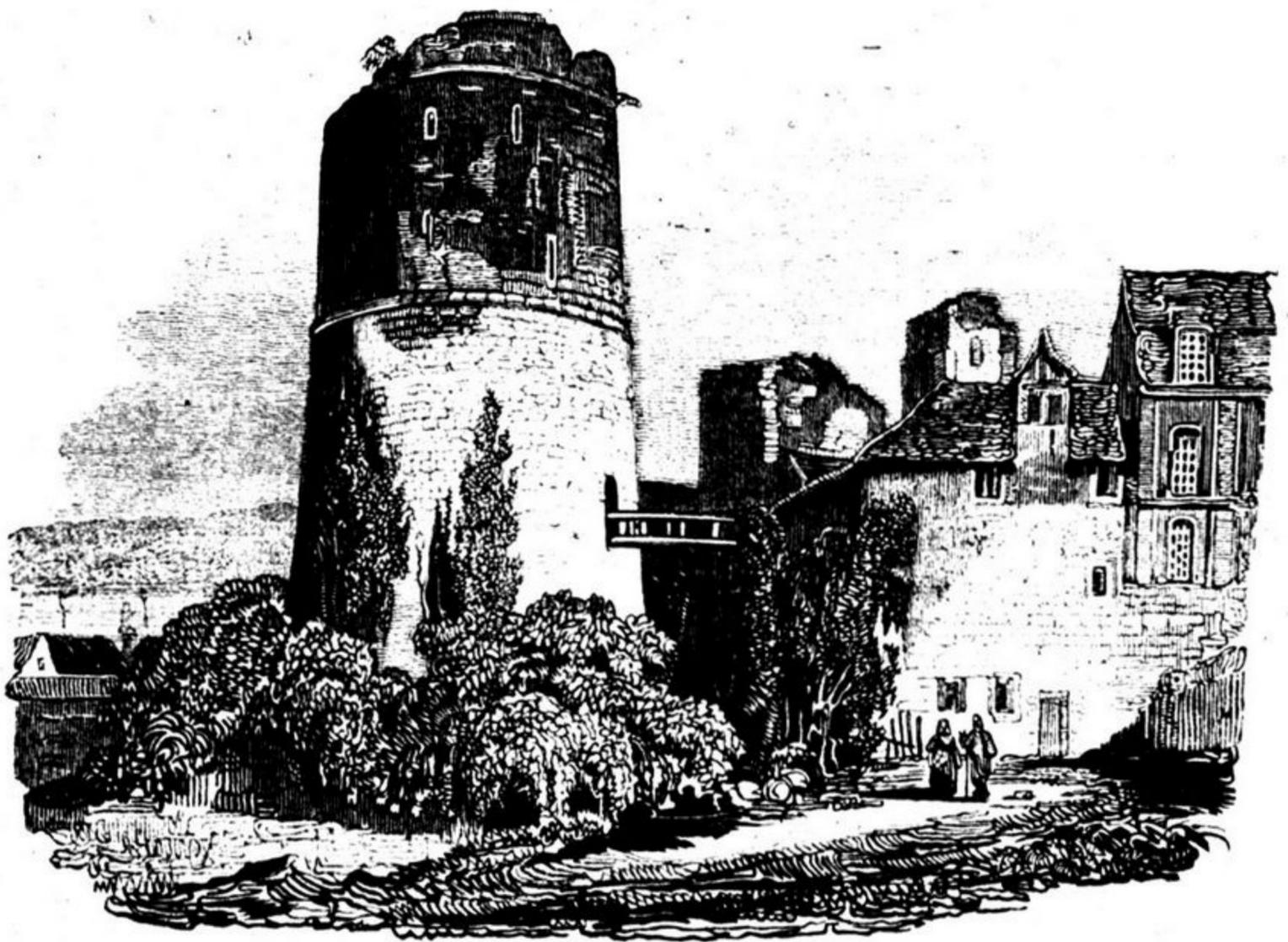
Immediatamente o joven começa a gabar a sua formosura; sua irmã, não podendo supportar este brinquedo e esta vaidade, encólerisa-se.

Tendo por injuriosas todas as palavras de seu

irmão (e nada mais natural), dirige-se a seu pae, decidida a offender o vaidoso a seu turno, e, no excesso do seu despeito, censura-o por ter elle, que era um rapaz, tocado n'um objecto de mulheres.

O pae abraçando e beijando ora um ora outro, e, repartindo egualmente por ambos as suas doces caricias: «eu quero, lhes diz que cada um de vós olhe para o espelho todos os dias; tu, meu filho, para que não deixes inquinar a tua belleza pela fealdade do vicio; e tu, minha filha, para que adquiras por meio das boas qualidades os attractivos que te faltam.»

ANTONIO MARIA D'ALMEIDA NETTO.



Torre de Guilherme, em Lillebonne

A cidade de Lillebonne, situada no departamento inferior do Sena, e que não é senão a *Juliobona*, devia ter tido, sob o imperio dos romanos, grande importancia, a julgar-se pelos numerosos vestigios que se encontraram nas suas ruínas, taes como amphitheatros, sobterreneos, tumulos e urnas sepulchraes etc.; fôra, porém, eclipsada durante a invasão dos barbaros, e, á excepção do que refere a chronica de S. Wandrille, dizendo que no meiado do seculo VIII iam buscar, ás ruínas dos templos pagãos, cantaria propria para a construcção da egreja de S. Miguel, não se encontram mais signaes da existencia d'esta cidade até a dominação dos normandos que, attraídos pela belleza da posição, ali edificaram castellos, entre os quaes figurava o d'Harcourt. O tempo e as successivas revoluções fizeram operar grandes mudanças a esta cidade, e o estylo de cada época, mudando-lhe a pouco e pouco a feição primitiva tornou-a quasi desconhecida.

O recinto da egreja de S. Miguel não apresen-

ta senão um espaço immenso, para onde se penetra por uma pequena porta. Uma rede de verdura melada, que cobre estas ruínas, dá-lhes um aspecto imponente. Á esquerda da porta da entrada eleva-se a torre de Guilherme, que se chama tambem torre de Lillebonne (vide gravura), a qual é separada do corpo da residencia por uma ponte levadica de 33 pés, lançada sobre um fosso muito profundo. O diametro de 52 pés é dividido com egualdade entre o cheio e o vazio, e os muros tem 13 pés de grossura. As janellas de forma ponteadas, as abobadas ornadas com florões, revelam já esta idade de aperfeiçoamento, ou antes de engenhosa imitação, na qual a originalidade das concepções romanticas da architectura intermediaria começava a reconhecer e a sujeitar-se á influencia da architectura mais classica. Sobe-se ao cimo do castello, não sem alguma difficuldade, por sobre o entulho que o tempo accumula todos os dias, e d'este ponto elevado gosa-se uma das mais deliciosas vistas da Normandia.

Neste castello, tão celebre pelas suas antigas e interessantes recordações, é que Guilherme se reuniu em assemblea com todos os barões, para deliberar sobre o seu audacioso projecto, que se realisou em setembro de 1066, e foi ali ainda que se fizeram todos os preparativos para o pôr em execução.

ALGUMAS CURIOSIDADES HISTÓRICAS E OUTRAS Á CERCA DO COMMERCIO

III

Il est difficile qu'un pays n'ait des choses superflues, mais c'est la nature du commerce de rendre les choses superflues utiles, et les utiles nécessaires.

Montesquieu, *De l'Espr. des Loix*, XX 2.

Cette diversité des productions et des facultés productives est le bien qui unit les uns aux autres les habitants d'une même localité, la ville et la campagne, les provinces d'un même Etat, les différents peuples, et jusqu'aux points du monde les plus éloignés.

M. Henri Richelot, *Dict. Gén. de la Pol. et. — Commerce*.

É curioso tomar nota do que pensava a respeito do Commercio um dos maiores homens da antiguidade.

Cícero exprime-se n'estes termos: *Sordidi etiam putandi, qui mercantur a mercatoribus, quod statim vendunt: nihil enim proficiunt, nisi admodum mentiantur.*

E em outra parte: *Mercatura autem, si tenuis est, sordida putanda est: sin magna et copiosa, multa undique apportans, multisque sine vanitate impartiens, non est admodum vituperanda.* (1)

Por estas expressões do grande philosopho romano, vê-se que, em geral, considerava elle como sendo menos nobre o commercio, mas que ao menos merecia ainda alguma contemplação o commercio em ponto grande. — ao passo que a venda por miúdo (*tenuis mercatura*) era essencialmente sordida e vil.

Na edição das obras de Cícero, que tenho á vista, encontro um commentario singular do pensamento do philosopho romano. A annotação do commentador vai ainda além do modo de sentir da philosophia antiga, e merece ser reproduzida como specimen de aberração do espirito. — ainda em tempos mui visinhos da época actual: *Nobiliores nostri in agris vivunt, et mercimonia sic dedignantur, ut quo jure utimur, simul aliquis mercator et nobilis esse non queat. Quid enim illo hominum genere vanius, quid infidelius, aut mendaciloquum magis? Nec amicis, nec parentibus parcunt, dum rem faciunt.* (2)

Como se dissesse: = Os nossos nobres vivem nas suas quintas, e a tal ponto menosprezam a mercancia, que bem convencidos se mostram de que não se compadece com o direito estabelecido, que um mesmo individuo seja negociante e nobre ao mesmo tempo. E na verdade, não ha no mundo uma classe de homens menos consistente, menos fiel, menos amiga da verdade, do que os negociantes: em quanto negociam, não perdoam, nem a amigos, nem a parentes. =

(1) Cícero, *De officiis liber primus*.

(2) A edição a que alludo no texto é a de 1772, de Veneza, conferida com a de Palau e a de Paris. *Universa Jurisprudentia*, Livro 1.º de Officiis, p. 13. 18.

Esta ponderação relativa ao estilo que seguem os nobres de viverem nas suas casas de campo, estava em harmonia com a preferencia que o citado philosopho romano dava á agricultura, quando dizia: *Omnium autem rerum, ex quibus aliquid acquiritur, nihil est agriculturá melius, nihil dulcius, nihil homine, nihil libero.* De todas as cousas que prestam utilidade, nada ha melhor, nada mais fecundo, nada mais suave, nada mais digno do homem livre, do que a agricultura.

Tem sem duvida a agricultura uma grande importancia, e merece por certo a mais subida consideração; mas a industria, o commercio, e as artes, sem fallar das letras e das sciencias, são acreedoras de igual estima, de igual dignidade, de igual contemplação.

De que provirá, porém, a antiga prevenção contra o commercio? Imaginava-se que era indecorosa uma profissão, que no seu exercicio demandava necessariamente o engano, a simulação e a mentira. — circumstancias, como que inseperaveis da natureza dos negociantes (*quod adeo familiare est mercatoribus, ut congenitum videatur*.)

Felizmente este modo de ver as cousas não se conforma com a razão, nem com os proprios interesses dos homens que exercitam o commercio; e, ainda por maior felicidade, a experiencia mostra que outro e mui diverso rumo seguem os negociantes honrados, — regra geral de uma classe tão numerosa, quanto prestavel ás sociedades humanas.

Os proprios interesses dos negociantes? Sim: a boa fé, a exactidão no cumprimento da palavra, a pontualidade no pagamento do que se deve... são o melhor alicerce em que pode assentar o commercio.

A este proposito recordarei o que se lê no *Espirito das Leis*. Cita Montesquieu uma lei da Republica de Genebra, que excluia das magistraturas, e até da entrada no Conselho Supremo, os filhos d'aquelles que viveram ou morreram insolúveis, uma vez que esses filhos não pagassem as dividas de seus paes. — O effeito d'essa lei, observa Montesquieu, era o de inspirar confiança para com os negociantes, para com os magistrados, para com a propria cidade, — vindo a succeder que a fé particular tivesse ali a força da fé publica.

Os Rhodios, observa o mesmo Montesquieu, foram mais avante. «O filho não podia dispensar-se de pagar as dividas do pae, ainda quando faziam abstenção de herança. A lei dos Rhodios era promulgada para uma republica fundada no commercio: era eu creio que a propria razão do commercio devia pôr esta limitação — que as dividas contrahidas pelo pae desde que o filho começasse a negociar, não podiam onerar os bens adquiridos por este. Um negociante deve sempre ter conhecimento das obrigações que contrahiu, e regular-se a todo o instante pelo estado da sua fortuna.» (1)

— Vimos ha pouco a desfavoravel opinião de Cícero a respeito da dignidade do commercio. — Quecamos agora, e apreciemos com o necessario rigor da critica a opinião de Montesquieu, no que respeita ao exercicio do commercio pela nobreza.

(1) *De l'Esprit des Loix*, Liv. XX cap. XVI e XVII.

Um pequeno capitulo (1) do *Espirito das Leis* é consagrado a esta especialidade, e diz assim: — É contra o espirito do commercio que a nobreza o exerce na monarchia. «Seria isso prejudicial ás cidades, dizem os imperadores Honório e Theodorio, e acabaria entre os negociantes e os plebeus com a facilidade de comprar e de vender.» — É contrario ao espirito da monarchia que a nobreza exerce o commercio. O uso que na Inglaterra permittiu á nobreza o commercio, é uma das cousas que mais contribuíram para enfraquecer ali o governo monarchico.»

Cumpra ponderar, antes de tudo, que a observação de Montesquieu a respeito da Inglaterra é desmentida pelos factos. Em nação alguma é o principio do governo monarchico mais vigoroso do que na Inglaterra. Ainda hoje, e quando por toda a parte o principio democratico tem tomado incremento, estamos vendo que nenhum soberano é mais respeitado, do que a Rainha Victoria.

As expressões dos imperadores Honório e Theodorio, que Montesquieu cita em abono da sua these, encontram-se no Cod. Lib. IV. Tit. LXIII. — Por quanto Montesquieu cita apenas, e em francez, a ultima parte da disposição legislativa, devo completar — no proprio original — a lei que invoca. Diz assim: *Nobiles natalibus, et honorum luce conspicuos, et patrimonio ditiores, perniciosum urbibus mercimonium exercere prohibemus. Et inter plebeios et negotiatores facilius sit emendi vendendique commercium.* Vê-se que os imperadores prohibiam o exercicio do commercio, não só aos nobres de nascimento, senão também ás pessoas revestidas de honras, e aos proprietarios mais ricos, — e isto afim de tornar mais facil — entre os negociantes e os plebeus — as transacções de compra e venda.

¿Acaso, porém, devia esta determinação dos imperadores romanos justificar, aos olhos de Montesquieu, o absurdo de vedar á nobreza um exercicio que nada tem de vil, um exercicio que tão proveitoso é á comunidade?

¿Os nobres, os influentes, os opulentos que se dedicam ao commercio, praticam porventura n'esse exercicio alguns actos que possam ser prejudiciaes ás cidades? Não, por certo. Em vez de serem nocivos á comunidade, contribuem effizazmente para que floream as manufacturas e a navegação, — contribuem para que obtenham meios de subsistencia um consideravel numero de creaturas humanas, — e, tornam se uteis á sociedade, quando aliás poderiam condemnar-se a uma existencia esteril e menos digna.

Não se aconselha, nem pode aconselhar-se á nobreza que exerce as artes mecanicas e servís; mas nesta cathogoria não está o commercio, — pois que é elle uma occupação livre, e uma sciencia fundada em calculo, baseada na investigação das necessidades dos povos, no conhecimento das localidades, nos grandes interesses dos Estados.

Em outro tempo queria-se que a nobreza somente se occupasse da guerra, — porque somente se sonhava na chamada gloria, e não na verdadeira felicidade dos povos.

A este proposito são muito expressivas e repas-

sadas de boa philosophia as seguintes reflexões: — «Temos apenas tempo de olhar em torno de nós, e de morrer, dizia Pope. E deverá acaso esse rapido instante de existencia ser somente destinado a verter lagrimas e derramar sangue? Deos deu o ferro aos homens para cultivarem a terra e exercitarem as artes, — e os homens empregaram-no em degolar-se uns aos outros! O guerreiro não encara senão como instrumento de conquista. Conheço toda a importancia da guerra no caso de justa defeza; mas choraria sobre a minha patria, se ella sómente fôsse guerreira!» — (1)

O commercio, do mesmo modo que a agricultura, a industria, as letras, as sciencias, e as bellas artes, é sempre necessario, é sempre util aos povos; não assim a guerra, a qual só é necessaria por excepção, só é justificada pela impossibilidade de fazer triumphar por meios pacificos os direitos e justiça das nações.

— No artigo immediato veremos que ainda nos tempos anteriores ao nosso tiveram voga idéas mais sãs, e praticas mais discretas, do que aquellas que temos estado a combater.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

PHILOLOGIA

QUESTOES SYNONYMICAS

OPINIÃO DE E. BARRAULT

Substantivos formados de radicacs diversos

DOCTRINAS, DISCIPLINAS, LETRAS, ARTES, ESTUDOS

As linguas têm, como as sociedades, seu tempo de infancia, Destinadas a exprimir o pensamento do homem para que elle possa communica-o aos seus semelhantes, seguem necessariamente os progressos de sua cultura intellectual.

Como o espirito humano, de que ellas são os instrumentos, procedem da synthese á analyse.

As primeiras noções que temos das cousas não podem ser senão muito geraes e muito confusas; um exame mais attento distingue-as depois, divide-as, subdivide-as e classifica-as.

Nos differentes idiomas, estas noções geraes ou primitivas acham-se, em grande parte, expressas pelas palavras *raizes*, que constituem o mais essencial da lingua, e que são geralmente palavras simples; na lingua allemã, por exemplo, um grande numero de radicacs são monosyllabicas.

Depois, á medida que a vida social se desenvolve, que a cultura intellectual faz progressos, que as noções se tornam mais precisas e mais distinctas; á medida, em uma palavra, que se criam as sciencias, cresce em proporção o numero das palavras, e, como se diz, enriquecem-se as linguas.

D'aqui nasce a vantagem e a necessidade de analysar e conhecer a accepção propria de cada palavra, afim de que mais acertadamente possa accommodar-se ao assumpto especial de que se tractar.

Facilitar esse conhecimento e analyse é o que nos propomos, continuando a offerecer aos nossos leitores o parecer de M. Barrault.

(1) *Développement et défense du système de la noblesse commerciale.* Par M. l'Abbé Coyer.

(1) XXI do Liv. XX.

Doutrinas, disciplinas, letras, artes, estudos são termos objectivos com que se designam as sciencias. Estas quatro palavras contêm todos os conhecimentos que servem de formar, de desenvolver, de ornar o espirito humano, e que são comprehendidas no termo mais geral *humanidades* (cultura intellectual e moral.) Assim em relação ao conjuncto dos conhecimentos humanos contidos nesta ultima palavra, *doutrinas* e *disciplinas* designam os seus ramos particulares, isto é cada sciencia considerada como um systema coordenado de conhecimentos, por exemplo, a philosophia, a physica, a mathematica, a historia, etc., com esta differença que *doutrinas* designa antes as sciencias especulativas e abstractas, e pertencem á instrucção philosophica e sabia, e *disciplinas* as que pertencem á vida ordinaria, as sciencias praticas.

Letras e artes abraçam todas as sciencias com esta differença que *letras*, palavra de um sentido mais restricto, quasi litteratura, designa as sciencias taes como nol-as apresentam os livros, que servem de enriquecer de conhecimentos o nosso espirito, e de formar a razão e o gosto; emquanto que *artes*, palavra de um sentido latissimo (letras, sciencias, artes em geral), as designa taes como o seu conhecimento exercita immediatamente a nossa cultura intellectual ou artistica.

Todas estas palavras de significação objectiva têm por correlativo o termo subjectivo *estudos* que designa, no seu mais vasto sentido, os mesmos conhecimentos taes como a elles nos applicamos e lhes dedicamos nossos cuidados.

E em razão d'esta significação subjectiva que esta palavra é acompanhada ora de terminativos taes como — *meus, nossos estudos*; ora de um restrictivo que faz conhecer o objeto mais especial, como *estudos de letras, de humanidades, etc.*

ANTONIO MARIA D'ALMEIDA NETTO.

EXPRESSÕES USADAS PELA GENTE RUSTICA DO BAIXO DOURO

(Foz do Tamega, Entre ambos os Rios, Eja, S. Vicente, Santa Clara do Torrão, Alpendurada, Mafamude, Retorta, Lavadouros etc. etc.)

Dar de comer á mundicie.	Dar de comer ás galinhas.
Paparicar.	Dar de comer aos bois.
Canalha.	Rapazes.
Creaturo.	Creatura.
Bushe, bushe.	Expressão para chamar os bois. (Não variam.)
Cópia.	Copula.
Conversado.	Namorado.
Bò.	Bom. (Interjeição empregada a cada passo.)
À pois, á pois!	Ora pois.
Burnir.	Engommar.
Compôr.	Concertar.
Fazer minga.	Ser preciso.
Assanhado.	Indisposto com alguem.
Um tudo nada.	Quasi nada.
Neja.	Excepto eu. (Parece ser corrupção de não seja eu.)
Vento ao supé.	Vento leste.
Quanté.	Se assim fosse.
Quaesquer uma cousa.	Qualquer cousa.
Quer não.	É o mesmo.

Rapazado.
Mochila.
Folear.
Um Zé Pereira.

Não passo de gostar.
Consante.
Einantas.
Contos de réi.
Uma nada.
Fruito.
Pivida.
Latada.
Para Baião.
Para Resende.
Derrancar.
Espadela.

Cothurno.
Sócos.
Vage.

Comer um Santo Antonio e um Judeo.

Alças.

Raso (fallando de medidas.
Moço da trazeira (nos trens.)
Divirtir-se.
Um bumbo ou um tambor.
Gosto pouco.
Conforme.
Antes.
Conto de réis.
Uma cifra.
Fructo.
Pevide.
Parreira.
Para a esquerda.
Para a direita.
Azedar o vinho na pipa.
Leme d'um barco do Douro.
Piugas.
Tamancos.
Feijão verde ou carrapato.
Comer peixes que nascem no Douro com taes nomes.
Suspensorios.
M. BERNARDES BRANCO.

Querendo Mahomet, por um ultimo esforço, assegurar o seu duplo poder legislativo e religioso, offereceu uma fortuna immensa a um dos seus partidarios, promettendo lhe fazel-o partilhar do seu poder, com a condição porém de descer ao fundo d'uma cisterna e gritar de lá: «Deus é Deus, e Mahomet é o seu propheta.»

O partidario conveio na condição, e a impostura maravilhou o povo que se prostrou de joelhos ante Mahomet, o qual exclamou: «A voz de Deus foi ouvida, fechemos para sempre o santuario da sua palavra! e em seguida entulharam o poço com pedras.

LIVRARIA NACIONAL

No prelo para sair no proximo mez de junho:

MEMORIAS de D. Fr. João de S. Joseph Quelroz, Bispo de Grão-Pará, com uma extensa introdução biographica e muitas notas illustrativas, pelo sr. Camillo Castello-Branco.

É um importantissimo manuscrito, sobre o qual pesou o esquecimento de mais de cem annos.

O Bispo do Pará escreveu a historia clandestina do seu tempo, com a liberdade de quem presumia que o seu manuscrito nunca entraria na estampa, nem viria a preencher parte de uma vasta lacuna que nos deixa bem conhecer a historia do passado, historia intima, umas vezes irrisoria outras vezes escandalosa, das familias illustres que hoje se pavoneam das virtudes de seus avós. O frade bento, cujos talentos poderam eleva-lo a tão alta jerarchia ecclesiastica, conheceu a fundo os vicios do seu tempo, e personalizou-os sempre, para dar mais auctoridade ás suas rabelaicis historias. Por amor d'isso, e da picante lingua com que o genio o dotou, morreu desterrado no mosteiro de Santa Maria de Alpendurada, por ordem de Sebastião José de Carvalho e Mello, marquez de Pombal.

As *Memorias do Bispo do Pará* hão de formar um livro em 8.º de mais de 200 paginas, com variada leitura, deixando vivo pesar de não serem mais extensas. Á custa de muitas averiguações, o sr. Camillo Castello Branco, pôde illucidar o segredo da perseguição, e a vida intima, bastante obscura, do talentoso prelado do Pará.